

SESSÕES DO PLENÁRIO

81ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 25 de novembro de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO NELSON LEAL

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial para a celebração dos 20 anos da Articulação Semiárido Brasileiro - ASA: é no semiárido que a vida pulsa, é no semiárido que o povo resiste, proposta pelas deputadas Neusa Cadore e Fátima Nunes. Quero dar as boas-vindas a todos e todas aqui presentes. É uma alegria muito grande recebê-los na nossa querida Casa.

Quero iniciar convidando para compor a Mesa as Sr.^{as} Proponentes da sessão especial, as deputadas Neusa Cadore e Fátima Nunes. (Palmas) Convidar o nosso grande líder, senador Jaques Wagner; nosso amigo deputado federal Afonso Florence; o Sr. Coordenador Executivo da Articulação Semiárido Brasileiro - ASA Bahia, Naidison Baptista; o Rev.^{mo} Sr. Padre José Carlos Santos Silva, que neste ato representa o arcebispo primaz do Brasil, Dom Murilo Krieger; o Sr. Chefe de Gabinete da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Jeandro Ribeiro; a Sr.^a Superintendente de Inclusão e Segurança Alimentar, Rose Pondé, que neste ato representa o secretário de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Carlos Martins. A Sr.^a Coordenadora Executiva do Movimento de Organização Comunitária e do Fórum Baiano da Agricultura Familiar, Célia Firmo; a Sr.^a Representante das agricultoras e agricultores familiares do município de Conceição do Coité, Marenise de Jesus Oliveira; a Sr.^a Representante do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado da Bahia, Márcia Maria Pereira Muniz; o Sr. Membro da Articulação de Agroecologia na Bahia, Carlos Eduardo de Souza Leite. (Palmas)

Registrar a presença do nosso deputado Marcelino Galo, Líder do PT, do deputado Jacó, da deputada Olívia Santana, do nosso deputado Marcelinho Veiga e da deputada Jusmari Oliveira. Também registrar a presença do secretário Carlos Martins e do nosso amigo César Lisboa. (Palmas)

E gostaria de, mais uma vez, agradecer a presença de cada um dos senhores.

Registrar a presença também de Anabel, nossa querida amiga, ex-prefeita de Jeremoabo; registrar também a presença do ex-deputado Vandilson Costa. (Palmas)

Convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Concedo a palavra à proponente da sessão especial, deputada Neusa Cadore.

A Sr.^a NEUSA LULA CADORE: Boa tarde a todas e todos que hoje enchem este plenário da Assembleia Legislativa. Nós estamos realizando um dos momentos mais importantes que esta Casa já viveu.

Quero cumprimentar a Mesa, saudar o nosso presidente, deputado Nelson Leal. Quero saudar a deputada Fátima Nunes, que junto conosco propôs e organizou este evento; saudar com muita alegria – que honra podermos contar com a presença do nosso senador, não é? – nosso querido e eterno governador Jaques Wagner. Quero saudar o deputado federal, meu amigo Afonso Florence; saudar o Sr. Coordenador Executivo da Articulação Semiárido Brasileiro, nosso valoroso e queridíssimo Naidison Baptista. Quero saudar o Rev.^{mo} Sr. Padre José Carlos Santos Silva, que neste ato representa o arcebispo primaz do Brasil, Dom Murilo Krieger; saudar o Sr. Chefe de Gabinete da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Jeandro Ribeiro; saudar a Sr.^a Superintendente de Inclusão e Segurança Alimentar, Rose Pondé, que neste ato representa o secretário de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Carlos Martins, que esteve aqui conosco mas, por força de um compromisso, não pode permanecer no evento. Quero saudar a Sr.^a Coordenadora Executiva do Movimento de Organização Comunitária e Fórum da Agricultura Familiar, Célia Firmo; saudar a Sr.^a Representante das agricultoras e agricultores familiares do município de Conceição do Coité, Marenise de Jesus Oliveira. Quero saudar a Sr.^a Representante do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado da Bahia, Márcia Maria Pereira Muniz; o Sr. Membro da Articulação de Agroecologia na Bahia, AABA, nosso querido Cauê. Saudar os deputados: deputado Marcelino Galo, Líder da nossa bancada, nossa valorosa deputada Olívia Santana, presidente da Comissão dos Direitos da Mulher, e o deputado Jacó.

Quero dizer a vocês que, de fato, este é um momento extremamente significativo. E para dizer da importância desse momento, ao celebrar os 20 anos da ASA – aproveitando que aqui tem muitas mulheres –, eu queria lembrar da alegria de mais de 1,2 milhão de mulheres que receberam uma cisterna em suas casas no nosso semiárido e em mais de nove estados, porque temos também Minas Gerais. (Palmas) Sei que muitas dessas mulheres estão aqui.

Eu venho do Sul do Brasil. Se a gente falar lá no Sul sobre uma cisterna de 15 mil litros, ninguém sabe entender. Mas a mulher nordestina, a mulher do semiárido sabe. Lembro dessa imagem, desse sentimento, porque comemorar 20 anos de ASA é comemorar a alegria de cada mulher, de cada família que recebeu esse grandioso projeto, que é um projeto de liberdade. Tirou a mulher da necessidade de caminhar longamente, todos os dias, com uma lata na cabeça, para poder suprir a sua casa desse bem precioso.

Fiquei pensando sobre esses 20 anos e também lembrei que quando cheguei aqui na Bahia – sou de uma área muito chuvosa, do Vale do Itajaí, em Santa Catarina –, no ano de 1984, o primeiro sentimento foi um choque muito grande. Porque, na verdade, é um contato com outro Brasil. E o que me surpreendeu muito não foi só o fato, deputado, de eu ter que começar a tomar banho com 2 litros de água, porque era assim. O que me tocou muito, me impressionou demais foi o contato com esse outro Brasil,

ver as pessoas com fome, entrar nas casas das pessoas e ver que não tinha alimento guardado, ver as pessoas sem acesso à educação, à saúde, ver um povo abandonado. Esse foi o primeiro sentimento que muito me marcou.

Mas, em poucos dias, tive outro impacto. E aí foi um impacto de encantamento, quando me encontrei com o conselho da minha pequenina Pintadas, o Conselho das Comunidades. Vi que aquelas pessoas que não iam para a escola e que viviam tão limitadas eram capazes de fazer uma leitura muito profunda, muito sábia da sua realidade. E comecei a ver a força das comunidades, a força do sindicato, a força das associações, a força da Pastoral da Juventude do Meio Popular. E vi a riqueza da humanidade do nosso povo.

Eu falo isso porque acho que a ASA, Naidison, conseguiu juntar essa grandeza das tantas organizações – que, salvo engano, já passam de 3 mil – integradas a essa grande rede que hoje está presente, além dos nove estados nordestinos, também no estado de Minas Gerais. Então, de fato, é um momento de festa, de celebração, de esperança, porque a ASA chamou todas essas entidades aproveitando aquilo que cada uma tinha, como o Irpaa, com mais de 30 anos, como o MOC, já com 50 anos e tantas outras, já que não podemos falar aqui das 3 mil entidades. Mas todas convergindo para um grande desafio que acho que é um farol para nós, porque desafia o que está posto neste país. O principal conflito deste país é que ele está dividido entre quem acredita na Justiça e quem odeia a pobreza e quer uma política de morte.

A ASA mostra a força, a força que nasce de baixo, de todas essas organizações. E eu tenho certeza... É bom que estamos aqui com nosso senador Jaques Wagner, que foi nosso governador por 8 anos e que abraçou com tanto carinho as demandas que vieram dos movimentos sociais. Movimentos que pisam por décadas, que dialogam com as pessoas e que têm autoridade para propor, para dizer, para afirmar e para orientar a política pública, mostrando que o desenvolvimento sustentável no Semiárido é possível. Não é só direito, é possível. (Palmas) É isso que nós celebramos.

E num momento como este, em que o Brasil enfrenta, tão rapidamente, esse processo de desconstrução... Mais de 1,1 milhão de famílias retiradas do Bolsa Família. É um horizonte difícil, desafiador e é bom – Naidison, todos e todas – a gente poder olhar para o farol que é essa grande rede de organizações que dialogam com as pessoas e que mostram que o poder está onde as pessoas se unem.

Então, muito obrigada a todos e todas que fazem parte dessa caminhada. Que a gente saia daqui hoje mais animado, até porque o nosso querido filho do Nordeste, Luiz Inácio Lula da Silva, saiu da prisão depois de 580 dias e disse: “Eu não tive tempo de cultivar o ódio, mas eu saí daqui com muita vontade de brigar pelo futuro do país.” (Palmas) Esse é o convite que deve nos unir e é a caminhada de todos e todas. Esse processo bonito da ASA nos anima e nos faz acreditar que no Semiárido é possível se viver, porque ali a vida pulsa.

Obrigada a todos e todas. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Antes de conceder a palavra à deputada Fátima Nunes, vou passar a palavra ao nosso querido senador Jaques Wagner, que nos abrilhanta com a sua presença.

É sempre uma alegria enorme recebê-lo aqui nesta Casa. (Palmas)

O Sr. JAQUES WAGNER: Boa tarde, gente. Boa tarde!

(Participantes da sessão respondem: “Boa tarde!”)

O Sr. JAQUES WAGNER: O povo da agricultura familiar não almoçou ainda, então fica difícil.

Bem, eu queria cumprimentar todos os amigos e amigas da Mesa na pessoa do nosso presidente da Assembleia, agradecendo a concessão de atropelar a ordem de inscrição. Tenho que pegar o avião às 16h20, por isso vou ter de sair correndo daqui.

Ao agradecer a Fátima e a Neusa, que fizeram esta proposição, cumprimento todos vocês militantes desta bela articulação, que comemora nestes dias 20 anos de fundação, que ocorreu em 1999.

A gente perdeu uma eleição tão dura, em 2018, e em seguida instalou-se no Brasil um governo federal que não tem o menor apreço, o menor carinho, o menor compromisso, a menor solidariedade com a nossa gente mais simples, mais humilde. Não tem nenhuma solidariedade com o povo nordestino, talvez, porque o povo nordestino fez outra opção de governo federal.

Um governo muito marcado por uma pregação de ódio, de estímulo ao ódio entre as pessoas; de dilaceração das nossas relações. O que acho bonito na democracia é que cada um de nós tem um credo, tem uma convicção político-partidária, cada um de nós abraça um time de futebol, abraça um tipo de cultura. Somos várias raças, várias etnias, várias convicções. E a democracia é bonita porque cabemos todos nela; o mais belo da democracia é que ela nos ensina a conviver com os diferentes, respeitando os diferentes. Isso é a democracia.

Tentamos mostrar que as nossas convicções, as nossas ideias, o nosso ideário é melhor, para assim tentar ganhar as outras pessoas pelo poder da palavra. Nunca pela pregação do ódio e da raiva.

Por que eu falei da derrota de 2018? Porque eleição é assim mesmo, você ganha um ano, perde o outro. A gente já viu isso nas prefeituras, no governo de estado, no governo federal. Obviamente, a gente sofre quando aquele que a gente acha melhor perde, mas a organização da sociedade civil não muda de eleição em eleição. Ela é definitiva. São definitivas, por exemplo, a nossa organização no sindicato, a nossa organização na Articulação do Semiárido.

Por isso, sempre digo às pessoas que é ótimo ter um governo – municipal, estadual ou federal – solidário às nossas ideias, às nossas necessidades e aos nossos projetos. Mas a organização da sociedade civil é mais definitiva do que uma eleição. Perdemos a eleição, mas a ASA está aí firme defendendo os mesmos ideais, o mesmo ideário que a gente sempre teve. (Palmas)

Daqui a pouco ela vai defender os candidatos que achar melhor. Não sei a ASA se envolve diretamente com a eleição, mas vai apontar aqueles que considera melhor em cada prefeitura. E daqui a pouco chega outra eleição.

Pois bem, estou aqui para agradecer àqueles que tiveram a ideia de fundar a ASA; àqueles que a constroem no dia a dia. Sei das dificuldades que vocês enfrentam, porque não é fácil construir uma rede entre os mais carentes, os mais necessitados. Mas devo dizer que a gente aprende com tudo. Às vezes, é até duro e amargo, mas a gente aprende com a derrota. E a derrota de 2018 representou uma mudança muito violenta na orientação.

Estou olhando para você, que sabe que todos os nossos conselhos foram acabados. Tudo aquilo que tínhamos construído foi acabado. E não estávamos fazendo favor a ninguém. Estávamos fazendo aquilo que é a obrigação de um governo, no sentido de ajudar e facilitar a organização da sociedade civil. Mas eles não querem que nada se organize. Ao contrário, eles querem que tudo se desorganize, porque acreditam que tudo na vida será comandado por um aplicativo de celular. Esse é o risco da democracia atual, já que as pessoas acham que não precisamos mais nos reunir, basta convocar por um aplicativo de celular.

Mas, se vocês tiverem um olhar para o mundo, vão ver que não é só aqui. Está pipocando no Chile – todo mundo deve ter visto na televisão –, mas não é somente lá. É no Equador, é na Colômbia, é na Ásia. Por quê? Porque o capitalismo neoliberal não comporta todo mundo, ele é excludente. Então a panela de pressão vai crescendo. Ninguém quer se acostumar a passar fome; ninguém quer ver o vizinho mandando o filho para a universidade, e não poder ver o seu lá.

Sabe quantos pessoas temos hoje no Brasil trabalhando em aplicativos? Temos 5 milhões trabalhando no Uber, que é o táxi sem placa, nesse iFood, que é uma empresa que entrega comida quando você encomenda pelo celular, etc. São milhões de pais e mães de família que não têm nenhuma proteção, nenhuma relação de emprego. São escravos do mundo moderno, empregados de um computador. Essa é a verdade. Não têm carteira assinada, não têm INSS, não têm previsão de aposentadoria. Se bater o carro, se cair, fica por ali mesmo, porque o computador diz: “Tira esse e bota outro”. Já temos 5 milhões nessa situação.

Eu estava ontem em São Paulo para participar do congresso do PT e pude assistir àquele discurso monumental do nosso querido presidente Luiz Inácio Lula da Silva. E é bom lembrar que a gente continua falando Lula livre, porque ele está solto, mas não está livre. Está condenado. Foi a partir de uma decisão do Supremo que ele pôde voltar ao nosso convívio, mas a gente quer que a sentença arbitrária de condenação política dele seja anulada. (Palmas)

Não quero falar mal de ninguém, mas o que a imprensa já revelou mostra que o processo de condenação do Lula está cheio de malfeitos, de condução errada.

Reparem o que estou dizendo: são 5 milhões de pessoas empregadas do computador. Quando o Lula diz “nós seremos oposição radical”, quem quer interpretar mal o que o ele está falando já diz que o Lula está pregando a guerra. Não! No Brasil, a gente aplica mal a palavra radical. Radical não é uma coisa ruim.

Pergunto a vocês, que são da roça, que plantam: árvore sem raiz sobrevive? O vento leva. Então ser radical é ter raiz, é ter convicção no que defende; não é ser sectário, não é não topar o diálogo. Topo o diálogo, mas tenho a minha convicção. Quando ele diz que seremos oposição radical, é porque tudo que esse governo atual prega é o oposto de tudo aquilo que pregamos.

Pregamos a solidariedade entre os seres humanos, por isso que defendemos uma Previdência solidária. Eles defendem a tese de quem tiver unha que suba na parede; nós, não. Eles mandam pisar no mais fraco para subir; nós pregamos diferente. Nada contra quem conseguiu ficar rico pelo seu trabalho, mas, se ficou rico, seja solidário. Uma forma de ser solidário é ter imposto sobre grande fortuna, para que assim o pequeno, aquele que não tem nada, aquele que malmente tem para se sustentar, não tenha de pagar imposto.

Mas os caras chegaram ao absurdo de propor taxar o seguro-desemprego, enquanto não taxam a grande fortuna. Não posso concordar com isso, não adianta. (Palmas)

Então não é radical para jogar pedra, não estou propondo guerra. Aliás, queria reforçar: sabe por que aqui a gente consegue fazer as reivindicações num certo grau de organização? Porque a gente tem organização social como a ASA, que organiza a demanda. No Chile pipocou daquele jeito – a gente não quer que isso chegue ao Brasil –, quebraram e tocaram fogo em tudo, porque lá não tem organização. Então você não tem com quem conversar; não tem canal de mediação com a sociedade.

Um sindicato, a Fetraf, o MST, a ASA, os deputados, enfim, são canais da democracia para você negociar as demandas. Se não tiver canal, como é que faz? Explode e dá no que deu no Chile. Não queremos isso aqui. Também não queremos o modelo do Chile que eles querem implantar no Brasil. Lá, há uma taxa de suicídio de idosos muito alta, porque eles se aposentam com metade do salário mínimo. Aí os caras começam a ter vergonha de viver passando fome e muitos acabam se matando.

Repito, não quero o modelo econômico do Chile, mas também não quero a baderna que virou o Chile. Aquilo ali é sinônimo de falta de organização social. Se houvesse canal de organização, teriam levado as demandas.

Vim só para agradecer. Nos meus 8 anos de governo – e agora com Rui – tivemos uma relação muito solidária, muito fraterna com todos os movimentos sociais. Não estou dizendo que sempre disse “sim”. Vocês, em geral, pedem o que precisam. Mas, às vezes, é um pedido superior àquilo que conseguimos atender. Ser governo é como um pai de família: um quer uma bicicleta, outro também. Eu digo: “Meu filho, só tem dinheiro para comprar uma – segunda-feira é sua, terça-feira é de seu irmão, quarta-feira é da outra”, e por aí vai.

Ser governo é um pouco isso. O governo não tem um orçamento que lhe permita dar tudo o que se pede. Mas, pelo amor de Deus, o que a gente evoluiu! Pensem no Programa Água para Todos, principalmente no Semiárido; no nosso trabalho na agricultura familiar. Quantas cooperativas a gente tem funcionando hoje? Mais de quarenta! Quando cheguei, não tinha quatro. Quanta gente está no seguro-safra? É assim mesmo que se chama? Mais de 300 mil famílias; não tinha 5 mil.

Então, a nossa característica é ser um governo do social, da solidariedade, de atender aqueles que mais necessitam.

Só queria dar um viva a vocês, que, mesmo na dificuldade, ensinaram ao pessoal da universidade que não se fala “combater a seca”. Porque a seca não se combate, já que ela é, para o bem e para o mal, algo da natureza. Às vezes, a gente provoca a natureza com desmatamento, acabando com as matas ciliares dos rios, mas a seca é uma realidade.

Enfim, só de botar na cabeça de muita gente – que achava que era mais inteligente do que nós – que o problema é a convivência com o semiárido... Quantas experiências maravilhosas tivemos? Algumas fizeram a gente chorar, como, por exemplo, vimos o pessoal tirar leite de pedra, com as nossas cisternas, para fazer a convivência com o semiárido! Para quem teve água desde que nasceu, não é nada. Mas eu vi muitas senhoras de 50, 60 anos dizerem: “Pela primeira vez estou vendo água numa torneira dentro de minha casa. Pela primeira vez estou tomando banho e está fazendo espuma no meu sabão!” Porque quando a água é salobra – essa aqui já deve ter vivido isso –, corta o sabão, passa, passa, passa e aquele gostoso da espuma não sai.

Quero dizer o seguinte: essa troca entre governo e vocês da ASA só me fez crescer. Sou daqueles que acham que ninguém é tão inteligente que não tem o que aprender; nem ninguém é tão ignorante que não tenha o que ensinar. Na verdade, é porque as pessoas lá de cima sempre tentaram dizer que o nosso saber não valia nada; só valia o saber deles, dos livros. Na verdade, o saber da vida é o que vocês estão fazendo aqui.

Que Deus abençoe todos vocês. Viva a ASA! Mais 20, mais 40 anos!

Obrigado. (Palmas)

Sairei correndo porque vou a Brasília para trabalhar.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Quero registrar a presença do deputado Zé Cocá e da nossa aniversariante de ontem, deputada Maria del Carmen. (Palmas)

Passarei a presidência da sessão para a deputada Neusa Cadore, porque vou acompanhar o senador Jaques Wagner.

(A deputada Neusa Lula Cadore assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): A gente agradece a presença do nosso presidente, deputado Nelson Leal. E também queria registrar a presença do nosso suplente de deputada federal, companheira Elisangela, (palmas), saudar a nossa deputada Jusmari, que está aqui desde o início, acho que não foi ainda cumprimentada, obrigada pela sua presença. (Palmas.)

Dando sequência, vamos dar a palavra a deputada Fátima Nunes, que é também proponente desta sessão. (Palmas.)

A Sr.^a FÁTIMA NUNES LULA: Boa tarde a todos e a todos, quase todo mundo aqui já me conhece bastante e já sabe que, quando a emoção aparece, a voz vai embora,

e hoje é um desses dias, está um pouco difícil, mas eu vou tentar. Gostaria de saudar a nossa querida companheira, deputada Neusa Cadore.

Recebemos essa solicitação do companheiro Naidison, o qual eu já aproveito para saudá-lo, no horário bem tarde da noite, parece que ele, preocupado com o povo, não dorme, e a gente também fica de vigília, e nessa vigília nos encontramos com essa solicitação para que acontecesse essa belíssima, grandiosa, sem palavras esta sessão. Parabéns a todos e a todas que vieram de longe, ouviram os convites e estão aqui presentes neste momento. Hoje é o nosso dia, muito obrigada a todos que estão aqui. Saudar o deputado federal Afonso Florence, parceiro de longas caminhadas; saudar o Reverendíssimo Padre José Carlos Silva, que neste ato representa o arcebispo primaz do Brasil, Dom Murilo Krieger; saudar o Sr. Chefe de Gabinete da Secretaria de Desenvolvimento Rural, nosso companheiro Jeandro, hoje já fizemos um encontro muito bom com as mulheres agricultoras; saudar a senhora, companheira e amiga de longas caminhadas, Rose Pondé, representando aqui neste ato o secretário de Justiça, o Sr. Carlos Martins, de Justiça e Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, não é pouca coisa não, viu?

Saudar a Célia Firmo, nossa companheira de longas caminhadas também, coordenadora executiva do MOC e do Fórum Baiano da Agricultura Familiar; saudar Marenise de Jesus Oliveira, representando as agricultoras e os agricultores do município de Pindobaçu; saudar a senhora representante do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Estado da Bahia, Marcia Maria Pereira; saudar o nosso companheiro Kaê, também de longas caminhadas, membro da articulação da agroecologia da Bahia. E repetir, mais uma vez, com a saudação muito forte desse companheirismo histórico desse nosso amigo Naidison Baptista, (palmas.) Nós aqui já fizemos a medalha, ele já é o nosso comendador. Então já representa todos nós aqui.

Portanto, eu vou ser bastante breve, que eu quero deixar mais tempo para o deputado Afonso Florence. Mas olhando daqui para lá, e todos os rostos aqui são bastante conhecidos, uns da Chapada, outros mais do Norte e aqui nesse canto veio o meu Semiárido do Nordeste II para confortar meu coração nesse momento. (Palmas). Arca, Zefa, vice-prefeito, o secretário de governo da minha terra natal, Paripiranga, então, é muita alegria.

Precisamos também pensar no futuro, como disse o nosso senador Jaques Wagner. Para chegar até a Fundação da ASA, pelo menos para alguns de nós, foram uns 30 anos de caminhada. Eu contei hoje, na reunião da ASA, deu 44 anos. Desses 44, nós temos a ASA, nesses 20 anos, sempre dizendo para o mundo, para o Brasil, para os sulistas que, aqui no sertão, aqui no Semiárido, era possível se viver com dignidade. Mas o diabo dos graúdos de lá só achava que aqui era terra de chão rachado, de mulher casada, viúva de marido vivo, de analfabeto e de desdentado. E que aqui não dava para nada, a não ser os caminhões ou ônibus pau de arara para levar o povo para servir de mão de obra barata lá no Sul.

E, certamente, foi por essa razão que eles se zangaram. E se zangaram forte com o governo do presidente Lula e Dilma. Aqui também na Bahia não deixa de ter umas zangas com o Wagner e com o Rui, porque nessa trajetória desses governos Lula e

Dilma, Wagner e Rui, conseguiram colocar na pauta do governo aquilo que na luta a gente já vinha sofrendo, mas conseguido, resistindo, teimando e conquistando. E aí, com os governos, nós avançamos. E foi por isso mesmo que ele se zangou: “Filho de preto, de pobre, nordestino em faculdade? Olha! Deputada catadora de pimenta? Não, essa não dá”. Se zangaram. Se zangaram feio, tiraram o governo, mas não tiraram de nós a resistência, a esperança, a força e a certeza, a certeza que nós vamos vencer essa etapa.

Foram essas as palavras do nosso presidente Lula, palavras desafiadoras para nós. As outras todas Naidison vai falar, o deputado vai falar, o deputado Afonso Florence, esses todos vão falar e eu vou falar uma que é nossa: Olha, o Lula disse que, no ano de 2020, quer todo mundo aqui sendo prefeito, prefeita, vereador e vereadora, quer todo mundo disputando a eleição. Porque se a gente não disputar, a caneta e a chave do cofre, fica na mão dos gráúdos. E sem a caneta e sem a chave do cofre não teremos mais um milhão de cisternas, não teremos assistência técnica, não teremos mais os nossos técnicos da escola família agrícola trabalhando nas nossas instituições. Porque quem está lá, não tem a vontade que nós temos. Como sempre dizemos, no Brasil não falta dinheiro, falta vontade política. E a vontade política está aqui, está no Lula, está no Rui, está no Wagner, está no PT, está nos partidos aliados. Está em quem gosta do povo.

Por isso eu quero encerrar a minha fala, saudando e agradecendo a presença dos meus colegas aqui: deputada Maria del Carmen; deputada Olívia Santana; deputado Jacó; deputada Jusmari; deputado Marcelino Galo, Líder da nossa Bancada, e dos órgãos que estão aqui presentes e representam toda a gestão do nosso governador Rui Costa na pessoa do querido Cesinha, como eu sempre chamo.

Obrigada. Valeu! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Cadore Lula): Agradecemos à deputada Fátima, eu quero também anunciar aqui o deputado estadual Luciano Simões Filho, presente no plenário.

Agora, passo a palavra ao nosso companheiro, deputado federal Afonso Florence.

Quero convidar para fazer parte da Mesa a Sr.^a Diretora Executiva da Confederação Nacional da Agricultura Familiar, Elisangela dos Santos Araújo. (Palmas.)

O Sr. AFONSO FLORENCE: Boa tarde. Quero saudar a deputada Neusa Cadore que, com a saída do presidente Nelson Leal para acompanhar o senador Jaques Wagner, está presidindo a sessão. Saudar a ela e também à deputada Fátima Nunes, que são proponentes desta sessão. Saudar o chefe de gabinete da SDR e em seu nome todos os membros do governo do estado, o secretário Josias, o governador Rui Costa. Saudar Naidison e em seu nome todas as entidades que compõem a ASA, e as mulheres, a companheira Célia e Elisangela.

Muito rapidamente quero agradecer também aí a inversão da pauta, já que meu voo é às 17 horas e hoje à noite a gente tem uma reunião das bancadas de Oposição da Câmara e do Senado. Estamos discutindo um plano emergencial de emprego e renda das oposições e das centrais sindicais. Eu tenho responsabilidade na condução da elaboração desse plano e tenho de estar em Brasília hoje à noite e o meu voo será às 17 horas.

Quero saudar o líder do meu partido – tenho muito orgulho do meu partido e da minha bancada –, o deputado Marcelino Galo. Saudar o deputado Jacó, a deputada Olívia Santana do Partido Comunista do Brasil, a deputada Maria del Carmen.

Muito rapidamente quero dizer a vocês que recebi de Cícero esse boné, então me senti honrado com o boné na cabeça como fez Maria del Carmen.

A ASA, Cauê, é uma articulação nesses 20 anos, uma demonstração de que a gente tem inteligência organizada para formular políticas públicas de convivência com o Semiárido, e quando houve oportunidade no Brasil para executar também essas políticas públicas. Quem nos acompanha aí nas redes sociais, na *TV Assembleia*, às vezes parece que é só o tema de cisternas, e nós sabemos que a amplitude da atuação da ASA é bem maior do que apenas executar ações de cisterna de consumo, cisterna de produção. Não só assistência técnica, organiza entidades para a produção propriamente, mas também, mais do que tudo isso, formula um modelo de desenvolvimento de convivência com o Semiárido, de sustentabilidade da atividade econômica no Semiárido. E essa inteligência, digamos assim, pública, não estatal, social, em alguns momentos pôde conviver com, digamos, o estado baiano, os nove estados do Nordeste, sempre de uma forma distinta em cada estado, agora também em Minas Gerais.

Jaques Wagner, nosso senador, governador que implantou na Bahia o programa Água Para Todos, que virou um programa nacional e que pode com isso viabilizar a execução de um conjunto de ações na Bahia, fez uma alusão muito importante para todos nós.

E, vou dizer isso, encerrando minha fala, por causa desse meu voo, nós temos a ASA e temos que comemorar esses 20 anos prognosticando vida longa para a ASA, mais 20, mais 40, como ele disse, porque a ASA já é hoje, digamos assim, uma organização permanente das trabalhadoras, dos trabalhadores, das agriculturas familiares, dos agricultores familiares numa formulação de projeto para o Brasil. E há outras entidades, organizações permanentes, mas a ASA em rede e suas afiliadas, suas componentes têm esse papel estratégico para o Brasil.

Então, para mim é uma honra ter sido convidado por Neusa, por Fátima, parabenizar na figura de Naidison, cada homem, cada mulher, cada jovem, cada pessoa da melhor idade como eu brevemente pretendo estar, daqui a um ano.

E, dizer a vocês: vida longa a ASA. Parabéns por tudo. Muito obrigado. (Palmas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): A gente agradece ao deputado Afonso, desejo-lhe uma boa semana nesse embate lá em Brasília.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Agora, teremos um momento místico.

Convido Josilene Nascimento, para fazer a sua apresentação.

(Procede-se a apresentação artística.) (Palmas)

A gente agradece essa belíssima apresentação de Josilene. Com certeza, Josilene, você emprestou a voz a milhares de mulheres.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Nesse clima de alegria, de emoção, de agradecimento, eu quero saudar com muito carinho D. Chica, esposa de nosso companheiro Naidison. (Palmas) Muito bom ter você aqui com a gente. Muito obrigada.

Agora eu vou passar a coordenação para a nossa querida deputada Fátima Nunes, que compartilha conosco essa presidência, para dar segmento aqui.

Anuncia, Fátima, tem um bocado de gente aí ainda.

(A Sr.^a Deputada Fátima Nunes Lula assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Que bom contar com vocês todos.

Registro a presença do presidente da Fetag, João da Cruz; do ex-prefeito de Baixa Grande Pedro; vereador de Pé de Serra Gil; vereador de Ipirá Jaildo Santos Souza; vereador de Malhada de Pedras Evanio Alves de Oliveira; vereador de Paripiranga, minha terra natal, Gilson Borges; coordenadora executiva de Assuntos Federativos da Serin e ex-prefeita de Jeremoabo, Anabel Carvalho; César Lisboa, representante do secretário de Educação, Jerônimo Rodrigues; coordenador executivo da Casa Civil, André Santana, representando o secretário Bruno Dauster; diretor da Secretaria de Agricultura Francisco de Assis Pinheiro Filho, representando aqui o secretário Lucas Teixeira; vice-prefeito de Paripiranga, minha terra natal, Marcelo Ricardo de Sales Rabelo; presidente do Irpaa, Haroldo Schistek; diretora superintendente da Bahiater, Célia Watanabe; diretor-presidente da ONG Centro Socioambiental São Francisco, Hamilton da Silva Pinheiro; presidente da Arcas, José dos Santos Neto, que a gente popularmente e carinhosamente chama de Zé Pequeno, que já é bem grandinho; presidente da Associação dos Produtores Rurais de Aroeira, Pé de Serra, Nelson Pinheiro; presidente da Agropasto, Sandro Oliveira; presidente da Sajuc, Pedro Cesar Vieira; presidente do Cedasb, Anacizio Xavier da Silva; presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pé de Serra, Roberto Fernandes; Jandira Rocha, presidente da CAA/Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais Remanescentes de Quilombos do Mulungu; Cleidson Souza, presidente da ASA Mil; presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Fátima, Antônio Oliveira; vice-presidente da Associação da Filarmônica de Pé de Serra, Cecília Santos; presidente da Associação dos Agricultores Familiares da Comunidade de Lagoa Suja, Feira de Santana, Crispiniana Santana; Deraldo Alves Carlos, que neste ato representa o secretário de Desenvolvimento Econômico, João Leão.

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Agora, concedo a palavra ao caro companheiro Naidison, presidente da ASA. (Palmas)

O Sr. NAIDISON BAPTISTA: Boa tarde.

Participantes da sessão: Boa tarde.

O Sr. NAIDISON BAPTISTA: Boa tarde, não é? Parece que o povo ficou emocionado com a mística e aí já não tem mais coragem de falar.

Eu queria saudar a Mesa, nas pessoas de Fátima e Neusa, combativas figuras da convivência com o Semiárido. Acho que, na Bahia, falar de convivência com o Semiárido sem inserir vocês duas, estão faltando duas peças importantes. (Palmas)

Mas eu queria saudar todas e todos vocês da ASA, vocês que deixaram suas casas, muitos ontem de tarde, e que viajaram a noite toda para estar aqui nessa celebração. Vocês que são pedreiros e pedreiras; vocês que são das organizações da ASA; vocês que são animadores e animadoras; vocês que trabalham nos cursos de gerenciamento de água, de GRH; vocês que coordenam atividades; vocês que, no dia a dia, constroem a convivência com o Semiárido. E, mais do que tudo, vocês, agricultoras e agricultores, porque são vocês os sujeitos que fazem acontecer a convivência com o semiárido. São vocês que fazem, na propriedade de vocês, a convivência. Não somos nós. Não é o coordenador da ASA, não é o coordenador de nenhuma entidade. Não somos nós. Nós somos ajudantes, e vocês é que fazem acontecer, no dia a dia, a convivência com o Semiárido.

Então, a minha saudação especial, nesse momento, é para vocês. E eu queria que a gente desse uma salva de palmas muito forte a vocês, que constroem a convivência. (Palmas)

Sem vocês nada do que se fala e do que se canta na ASA teria lugar, teria acontecido, estaria se concretizando.

Mas aí a gente diz assim... Hoje Marcelino me perguntou: “Por que é que nasceu a ASA?” A ASA nasceu para interferir na política pública. Essa foi a nossa intuição. A gente queria construir políticas públicas de convivência e não de combate à seca. E a gente nasceu para isso. (Palmas)

E aí a gente se pergunta: “Em 20 anos, se fez o quê?” Se fez um bocado de coisa, mas falta, falta um monte ainda por fazer.

Mas a gente está aqui para dizer ao mundo, dizer ao governo, dizer ao governo federal o que é que a gente fez. Não de ódio, mas de vida, de fraternidade, de justiça, de amor. Foi isso que a gente construiu.

E a gente construiu o quê? Alguns números são interessantes, governo e sociedade civil: chegamos a 1 milhão e 250 mil cisternas na margem da casa das famílias. (Palmas)

Então, são 1 milhão e 250 mil mulheres que, como foi representado aqui, deixam de carregar uma lata de água na cabeça por uma légua e meia. Uma légua e meia ela deu, assim, com abatimento, porque muitas mulheres caminharam muito mais do que isso. E se a gente colocar quatro pessoas numa casa – 1 milhão e 200 vezes quatro –, nós vamos ter quase 5 milhões ou perto de 6 milhões de pessoas com água potável de qualidade ao acesso.

Pessoas que não tinham acesso à água e que trocavam o seu voto por uma lata de água. E que hoje não trocam mais. E, por isso, o Nordeste escolheu um outro tipo

de política que não a política que ganhou no país hoje. Porque não é que o nordestino vote no cabresto. O nordestino vota de modo inteligente. Ele quer continuar o que ele viu que é bom para ele. (Palmas)

Se ele não quisesse isso, aí ele não merecia viver, não é? Era burro! Então, ele não vota no cabresto, ele vota com inteligência.

Então, a gente tem isso, mas a gente tem 200 mil implementações de água para produção. O que é que significa isso, gente? Que a Rede Globo não tem mais o chão rachado para publicar. Não sei se vocês notaram que essa foto desapareceu, não é? O chão rachado que caracterizava o semiárido agora é o chão verde que produz alimento de qualidade. E aí, o alimento de qualidade produzido não é interessante publicar. Por isso a Rede Globo não fala da gente, porque falar da gente daria a mão à palmatória. Então, não vai falar.

Mas nós temos coisas interessantes. Nós temos 3 mil boletins, publicados através de *O Candeeiro*, com sistematização das práticas dos agricultores. O que significa isso? Significa dizer que o agricultor produz conhecimento, significa dizer que não é só o conhecimento da academia que precisa e pode ser publicado, significa dizer que, na comunidade, em todas comunidades, existem pessoas não recebedoras de pacotes, mas sujeitos do caminho e sujeitos da história.

Então se a gente fosse olhar um bocado de coisas da ASA, a gente ficava mais tempo. Mas eu quero destacar alguns elementos que me parecem importantes.

Primeiro, a gente mudou a narrativa. Wagner se referiu a isso na fala dele aqui. Não é mais o combate contra a seca, é convivência com o semiárido. Nós mudamos a narrativa. Não se fala mais em combate contra a seca ou porque a pessoa está convencida, não é, Marcelino?, de que não é para ter combate contra a seca ou porque ele fica envergonhado ao dizer combate contra a seca.

Então, de vez em quando, ele diz conviver com o semiárido, que também não é conviver com a seca não, mas é conviver com o semiárido, com o povo do Semiárido, com o seu modo de dançar, com o seu modo de curtir, com o seu modo de viver, com as suas danças, com as suas comidas, com sua cultura, com o que ele é.

É isso que faz o semiárido bonito. É isso que faz esta mística que vocês fizeram agora. Não é todo mundo que sabe fazer isso não! Eu mesmo não sei. Mas vocês sabem. Isso é do Semiárido.

Então nós mudamos a narrativa. Queiram ou não, a gente, com o trabalho nosso, mudou a narrativa.

Nós quebramos alguns paradigmas. Quanto à água no semiárido, só se falava dela concentrada nos grandes açudes construídos nas propriedades dos grandes fazendeiros a partir da força escrava das frentes de trabalho. Esse era o grande projeto de combate contra a seca, qual seja, o intuito era o de enriquecer quem já era rico. Nós, hoje, temos um 1.250.000 cisternas de 16 mil litros em 1.250.000 famílias. Não está concentrada em uma só. Quem é bom de matemática, façam as contas. Eu não sou.

O que significa a capacidade de armazenamento?

Nós temos 200 mil famílias produzindo alimentos agroecológicos. E, aqui, André, vai um recado para Bruno: Cadê o nosso projeto de agroecologia? (Palmas) Que tá entocado lá, a gente sabe que está bem guardado, e fica feliz, porque ele está bem cuidado.

Mas a gente gostaria de que ele, o projeto, estivesse na Assembleia Legislativa para ser debatido, aprovado e a gente implantar o nosso programa de água, o nosso projeto político de água ecologia na Bahia. Nós já merecemos isso.

Talvez, a Casa Civil queira dar um presente à ASA, não é?, em seu aniversário de 20 anos, ao enviar esse projeto à Assembleia Legislativa? Não é? (Palmas) Quem sabe, não é? É uma oportunidade!

Mas nós partilhamos a semente. Nós temos mais de mil bancos de sementes: sementes crioulas, sementes nativas, sementes dos agricultores e agricultoras. Não são sementes da Monsanto, não são sementes transgênicas. São sementes fontes de vida, autonomia e liberdade. Aí, o projeto funciona. Apesar de o governo federal não gostar delas, elas estão aí. Isso são sinais de um processo de resistência.

Nós mudamos do processo de prática em relação ao conhecimento. Quanto a isso, a gente reputa como algo muito importante. Ou seja, quem conhece e quem produz conhecimento? A universidade? Tranquilo! A escola técnica? Beleza! Mas o agricultor e a agricultora, lá, na sua propriedade, também! (Palmas)

Então, isso significa que a metodologia de trabalho não pode ser aquela do técnico que leva pacotes para os agricultores. A metodologia de trabalho tem de ser a metodologia de intercâmbio. É um agricultor que visita o outro, é um técnico que visita o outro e, nessa visita, eles intercambiam conhecimentos, aprofundam conhecimentos, ampliam suas perspectivas. E todo o processo de formação que a ASA fez, ela fez na base dessa metodologia, que é uma metodologia agroecológica e é uma metodologia de respeito ao protagonismo dos sujeitos agricultores e agricultoras.

E, aqui, há um parêntese. Dentro dessa mesma metodologia, nós estamos, hoje, no corredor seco da América Latina e da África. Trazemos agricultores de lá para viver aqui. Este é o nosso processo de convivência. Levamos agricultores daqui para viver lá. É o processo de convivência deles. Tudo isso é patrocinado pela FAO, porque o governo brasileiro não quer saber, não é? Mas nós estamos encontrando estradas e vamos encontrar outras, não é?

Bom, a gente podia declinar vários elementos. Mas eu vou parar por aqui. Vou parar ao chamar a atenção para dois ou três aspectos. Nós seguimos, rigorosamente, a nossa intuição inicial de construir política. A política de cisterna, a política de sementes e outras políticas, aí em nível federal, foram construídas a partir da presença segura, constante, chata e abusada da ASA.

Por quê? Porque nós estávamos em tudo que é conselho. Tinha um conselho? A gente estava lá dentro, porque era uma oportunidade de debater, sugerir, etc. Então, nós nunca deixamos de buscar interferir na política.

Há uma coisa importante. A ASA gerenciou, até hoje, prestem a atenção porque isso é importante, a quantia de R\$ 2,2 bilhões. A ASA gerenciou R\$ 2,2 bilhões. Nós

não temos um projeto reprovado. Nós não deixamos de apresentar nunca os nossos resultados. (Palmas)

Nós temos uma gestão pública. Essa não é uma gestão governamental. É uma gestão pública dos recursos, onde se pode aprender muito, inclusive, a gestão estatal pode aprender, porque ela é objetiva, clara e acompanhada pelas comunidades e, rigorosamente, transparente. Nós não temos uma recomendação contra a gente. Agora, é esta organização que o governo federal não quer mais com ele, talvez por razões óbvias.

Há dois últimos elementos. Nós prezamos a nossa capacidade de mobilização. Nos governos Lula e Dilma, a ASA foi responsável por mobilizações históricas em Juazeiro e em Feira de Santana. Não é, Haroldo e Cícero? Nós dissemos ao governo “com isso, a gente não concorda e, por aí, a gente não vai”. Éramos parceiros do governo Lula? Éramos. Éramos parceiros do governo Dilma? Éramos. Mas não éramos, não fomos e não seremos correia de transmissão de governo e de gestão nenhuma. (Palmas)

Quanto à nossa autonomia, nós a prezamos. E ela foi importante para Wagner dizer aqui o seu agradecimento à sociedade civil. A sociedade civil só cumpre o papel, colocado aqui por Wagner, se ela for autônoma, livre e independente. Ela não é um braço do governo. Ela celebra com o governo, ela constrói com o governo, ela anda com o governo.

Mas se, em determinado momento, o bicho pegar, você vai para lá e a gente vai para cá. Há um exemplo clássico que foram as cisternas de polietileno. Ninguém da ASA abraçou, ninguém da ASA propagou, ninguém da ASA gostou. Nós fomos contra e seremos contra a cisterna de polietileno. Trata-se de uma obra de combate contra a seca. Ela não é de convivência com o Semiárido. Então, eis a nossa capacidade de mobilizar.

Por último, há a nossa capacidade de criar pertencimento. Quanto ao chão rachado, quando as pessoas diziam não se sentirem bem, hoje é um Semiárido. E não tem quem esteja aqui dentro que não se sinta pertencendo ao Semiárido e não se sinta orgulhoso e orgulhosa de pertencer ao Semiárido. Nós temos o pertencimento. Nós somos o Semiárido. O Semiárido somos nós. Nós não queremos sair dele. Nós não abrimos mão. Nós queremos continuar em frente.

E é neste espírito que a gente está aqui nesta celebração.

A gente agradece a vocês, a Fátima e a Neusa, a generosidade de convocar este momento de lutar para ele acontecer, pois a gente sabe que as negociações não foram fáceis. Não é? Mas, por outro lado, se dispuseram a construir conosco esta perspectiva. Nós agradecemos a você, Marcelino, esta perspectiva, também, de luta conosco na convivência com o Semiárido.

Há pouco, uma pessoa me disse assim: “Como você se sente?” E eu acho que traduzi o sentido do sentir e no sentir da alma. Nós nos sentimos como tendo feito muito, porque, diante do cenário de morte que nós tínhamos, quando uma das últimas secas ceifou a vida de mais de 1 milhão de pessoas, nós estamos saindo de uma seca de mais de 8 anos sem uma morte humana sequer. Ou seja, saímos de 1 milhão de

mortes para a vida de todos. Saímos de 1 milhão de mortos para 1.250.000 cisternas de consumo humano, e 200 mil de produção, e 7 mil nas escolas. Havia uma política elaborada. Fizemos muito? Fizemos.

Mas há um outro sentimento que acompanha todo mundo que está aqui, porque, senão, se ele não acompanhasse, eu acho que não valeria a pena a viagem de vir para cá. Bem, é assim, ou seja, falta muito, repito, falta muito.

Para a gente universalizar a cisterna, faltam, ainda, 350 mil; e para a gente universalizar a cisterna de produção, faltam quase 1 milhão. Mas se nós chegamos a 1 milhão de um tipo, vamos chegar a 1 milhão do outro tipo. Não é?

Bem, digo isso porque todos diziam sermos doidos. Mas, tá aí a doidice. Não é? A doidice mudou um bocado de coisa. Não é?

Então, o que nos acompanha... Eu acho que estamos... Eu estou traduzindo o sentimento de vocês. O que nos acompanha é a coragem de dizer: “Eu sou do semiárido. Eu não vou abrir mão, seja lá quem for, nós não vamos abrir mão. Nós queremos a convivência com o semiárido, nós vamos resistir, nós vamos brigar por ele, nós vamos construir e mais do que tudo, nós vamos vencer!”

Muito obrigado. (Palmas, muitas palmas.)

(A plateia se manifesta.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Nenhum direito a menos. Entendi agora que...

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Quero registrar as presenças de Camila Batista, coordenadora executiva do CDA, Centro de Desenvolvimento Agrário, do deputado Zé Raimundo e de Jonas Paulo, secretário executivo do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Bahia.

A Sr.^a Neusa Lula Cadore: A gente também quer saudar, nós temos quase 20 municípios presentes, 20. Município de Riachão do Jacuípe, Feira de Santana, Ipirá, Santa Barbara, Anguera, Nova Fátima, Paripiranga, Baixa Grande, Pé de Serra, Rui Barbosa... E tem gente de longe! Remanso, Juazeiro, Pilão Arcado, Senhor do Bonfim, Aracatu, Brumado, Malhada de Pedras, Sobradinho, Conceição do Coité e do município de Salvador. (Palmas)

Vitória da Conquista. Mais algum município?

Livramento, Cícero Dantas, Tanquinho, Irecê, Guanambi, Cândido Sales, Caculé, Condeúba, Uibaí, Retirolândia, Fátima, Exu... Tem uns 40. Jacobina, todos bem-vindos. Muito bom! Muito bom! A rede é grande!

Santa Maria da Vitória, Valeu! De todos os territórios, não é? Olha Cesinha aí de Santa Maria da Vitória. Campo Formoso! Valeu gente, muito obrigada!

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Concedo a palavra agora ao padre José Carlos, representante do arcebispo primaz do Brasil, Dom Murilo Krieger. (Palmas)

O Sr. JOSÉ CARLOS: Boa tarde a todas e a todos, quero saudar a Mesa na pessoa de três mulheres: as deputadas Neusa Cadore e Fátima Nunes, proponentes desta sessão e a minha paroquiana, que ontem fez aniversário, a deputada Maria del Carmen.

Eu também sou da ASA, mas de outra ASA: Ação Social Arquidiocesana. Trabalho com as pastorais sociais que com as Comunidades Eclesiais de Base impulsionaram muita coisa neste país. Embora hoje se careça de uma ação mais efetiva da Igreja oficial no Brasil, ainda temos pessoas dentro da Igreja, sejam padres, sejam leigos, que movimentam e que são conscientes de que a ação social é fundamental para a vivência do evangelho.

Não se pode pensar num país tão grande, numa situação de uniformidade. Este país é diverso e é a diversidade que promove a beleza e a riqueza, e é a diversidade que faz a união. A diversidade vai contribuir para que haja progresso, quando se respeita essa diversidade.

Então é necessário reconhecer que sendo um país diverso nós temos que caminhar respeitando a todos, para que todos possam ter oportunidade. Quando temos no país uma proposta fascista, não podemos ficar calados, nós temos que lutar para que, de fato, seja dissipado do nosso meio o fascismo. Não podemos jamais concordar com isso.

Não podemos pensar na paz como ficar quietos. Não pensemos na paz como a ausência de conflitos. Se queremos uma paz sem conflitos, vamos para o cemitério, porque lá não existe conflito. O conflito é parte integrante da convivência humana, e quando se é diverso, tem que haver conflitos para que se possa chegar a um denominador comum para o bem de todos, não para o bem de um grupo, mas para o bem de todos. Por isso é importantíssima a organização na base.

A sociedade civil tem que tomar consciência de que cada vez mais tem que reforçar a organização. Não importa, e aqui foi dito bem, se concorda ou não com o Estado, a sociedade civil deve ter por prioridade a sua organização, porque ela é a base de toda a sociedade.

O Estado está em função da sociedade e não a sociedade em função do Estado, por isso é preciso que cada vez mais estejamos organizados, para que todos nós possamos hoje não fazer uma aliança à base de cartuchos de bala. É preciso que cada vez mais tomemos consciência...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) de que a vida está acima de qualquer riqueza, de qualquer realidade, de qualquer acordo, a vida está acima de tudo.

Eu agradeço ao arcebispo que me pediu que o representasse para estar aqui com vocês e agradeço e parabeno as duas deputadas pela iniciativa e a ASA pelos 20 anos.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fatima Nunes Lula): Concedo a palavra a Marenise de Jesus Oliveira, representante das agricultoras e agricultores. (Palmas)

A Sr.^a MARENISE OLIVEIRA: A ASA que está em mim saúda a ASA que está em vocês! (Palmas) Companheiras e companheiros, estar aqui hoje parabenizando a ASA nos seus 20 anos enquanto mulher, agricultora, sem-terra, camponesa, é um sentimento de gratidão. Esse é o meu modo de saudar todas e cada um. Hoje, neste coletivo de gratidão, desde o início, cada orador e oradora que me antecedeu aqui, a companheira da Mística, expressou esse sentimento forte que é a ASA para nós.

Enquanto mulher, nascida de um ventre que pariu 18 filhos, posso hoje dizer da nossa vida de mulher do Semiárido há 20 anos, 20 anos antes e 20 anos depois da ASA. Vinte anos de muito do que foi relatado aqui, de fome, de sede, de léguas de lata d'água, de trouxa de roupa para lavar, de enfrentamento aos fazendeiros para ter acesso à água, que compartilhava com os animais, e ter que chegar em casa e caçar banana do mato para cortar, para a gente beber... que trabalhou para limpar os tanques dos fazendeiros e depois tinha que pedir para pegar uma lata d'água das frentes de serviço do DNOCS, de um Estado que munia os fazendeiros para oprimir o povo e de uma lata d'água que valia o voto.

Não tínhamos nem onde ter acesso ao carro-pipa porque não tinha cisterna para colocar a água. Era no tanque do fazendeiro que o carro-pipa a colocava.

Pois bem, sou da geração que viu na comunidade a primeira cisterna, que foi na minha casa, porque o critério primeiro era ser uma família maior. Nós ganhamos. E vi o caminho da minha casa, aquele cenário em que a vizinhança inteira vinha buscar água, porque ali era onde o carro-pipa a colocava.

Ser dessa geração que viveu a infância, a juventude... Enquanto mulher, a ocupação era buscar água, lavar roupa e, quando estivesse em casa, cozinhar, cuidar dos filhos. E aí Naidison e Cícero me propuseram dizer: enquanto mulher do Semiárido, será possível dizer o sentimento de milhões de mulheres? Será por que Fátima Nunes, companheira, Neusa Cadore, hoje deputadas, nesse processo... O que fizeram, então, as mulheres com o tempo que gastavam para buscar água, e lavar roupa, e caçar lenha? Ficaram desempregadas. No Semiárido, não tem mais nada para fazer, porque apareceram cisternas.

E aí é esse o diferencial nesses 20 anos. Aí lugar de mulher virou o lugar onde ela quiser porque agora a mulher tem tempo, as crianças foram para a escola e as mulheres também, as mães também.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

É nesse sentimento de gratidão que a gente vem dizer que o nosso tempo de mulher, nesses 20 anos, foi ocupado na organização da luta. É por isso que lugar de mulher é na política. Não é sintomático terem sido as mulheres que convocaram esse momento, é um processo histórico (palmas), é uma conquista. (Palmas)

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Lugar de mulher virou a política, a faculdade, a universidade, a escola, a organização da luta, as diversas trincheiras. Mulheres técnicas, profissionais, que estão lá ouvindo o grito das mulheres e celebrando com elas.

Quero trazer aqui, enquanto assessora pedagógica da Cactus, que é uma entidade que implanta as cisternas em parceria com a ASA, a voz de Eliana, que esta semana dizia que chegaram as duas primeiras cisternas de calçadão na comunidade. São vizinhas que não vão aceitar ficar sem cisterna. Numa comunidade de mais de cem famílias, chegaram as duas primeiras.

Então, estar nesta Casa é comprometer o Estado, porque a ASA, a política de segurança hídrica, alimentar e nutricional no Semiárido é direito nosso e dever do Estado. (Palmas.) A gente não vai aceitar o desmonte dos direitos, a redução das políticas públicas. Nosso senador e o nosso deputado federal saíram, mas eles precisam levar e manter esse recado em Brasília, e esta Casa tem esse compromisso de manter, de ampliar, de assegurar os projetos, porque 20 anos de ASA é pouco ainda, tem muito para se fazer, e a gente está esperando, e a gente está junto.

Muito obrigada, parabéns e vida longa à ASA. Vida longa à ASA que está em mim, que está em você. (Palmas.) A ASA é de todos nós. (Palmas.) Parabéns porque é no Semiárido que a vida pulsa! É no Semiárido que o povo resiste!

É no Semiárido que a vida pulsa!

(Os participantes respondem: “É no Semiárido que o povo resiste!”)

É no Semiárido que a vida pulsa!

(Os participantes respondem: “É no Semiárido que o povo resiste!”)

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): A gente vai convidando, assim, bem rapidamente, para ganhar tempo. E agora eu convido Deraldo, aboiador, do município de Riachão de Jacuípe, para prestar a sua homenagem.

Nós só estamos convidando assim, mais rapidamente, porque vai se alongando, e nós ainda temos mais alguns oradores.

(Procede-se à cantoria.) (Palmas)

Muito obrigada, Deraldo, o aboiador, muito obrigada a todos que trouxeram a sua presença, a sua homenagem.

Agora nós vamos conceder a palavra ao chefe de gabinete da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Dr. Jeandro Laytynher Ribeiro, neste ato representando o nosso governador Rui Costa.

O Sr. JEANDRO LAYTYNHER RIBEIRO: Primeiro, boa tarde a todas, a todos, eu acho que a palavra de ordem aqui – e vou explicar porque eu o chamo sempre de professor – é gratidão.

A primeira gratidão é pela generosidade das duas deputadas, Neusa Cadore e Fátima Nunes, por concederem essa homenagem mais do que justa a uma grande rede que se instalou no Brasil e que fez a revolução nesse Semiárido baiano. A gente personifica essa rede, aqui, neste momento, (palmas) nas pessoas que nos trazem emoção, que mexem com o nosso coração, mexem com as nossas vidas. É por isso que personifico essa homenagem que a Assembleia Legislativa da Bahia fez – e aqui, na fala do governo do estado da Bahia – no professor Naidison.

É um cidadão baiano, um cidadão que eu tenho como referência desde os primeiros dias em que cheguei aqui no governo do estado, em 2009. E aí, professor, eu não vou olhar para o senhor, senão vou chorar. Eu falo isso porque sou de uma região onde pegar água no balde e tomar banho de caneco era uma opção, eu sou do Sul da Bahia, sou filho de trabalhador rural, me orgulho muito disso, mas a gente teve que aprender aqui, nesses 10 anos, a servir, que é o nosso papel, e a servir com dignidade, e isso a gente só aprende... não tem outro jeito de ensinar isso se não for com exemplos. E a gente tem exemplos nessas organizações da sociedade civil daqui, do estado da Bahia, em que a gente se espelha, e se espelha todos os dias.

O professor Naidison é um cara – posso chamar de cara, não posso chamar, professor? –, é o cara! Se são 1 milhão e 250 cisternas, são 1 milhão e 250 aplausos, são 1 milhão e 250 obrigados, são 1 milhão e 250 “eu te amo, meu professor”, porque eu acredito muito, e exerço isso todos os dias da minha vida, que a gente aprende com o exemplo. Seja ela dentro da igreja, padre... e eu te peço, aqui, a bênção. Hoje não pedi à minha deputada Fátima, eu pedi ao senhor.

A gente tem que fazer isso enquanto servidor. E não é fácil, turma, militar do lado de cá, não. A gente tem uma construção coletiva, e a Secretaria de Desenvolvimento Rural faz isso todos os dias, exercita isso todos os dias, briga internamente todos os dias para a gente, professor, tornar o nosso estado da Bahia a cada dia melhor, o nosso Semiárido brasileiro a cada dia mais forte, mais pujante.

E aí eu abro um parêntese. O resultado de tudo isso que foi dito aqui, desta tribuna... E eu fico aqui imaginando como é que eu, um moleque que saiu lá de Camacã, estou falando aqui depois de um grande líder político, talvez... talvez, não, o maior da Bahia, Jaques Wagner! Como é que eu estou aqui falando depois de um grande professor, um professor que eu adotei!

E quantos exemplos! Eu nunca te pedi um conselho, eu sempre te enxerguei, eu sempre te vi, eu sempre aprendi com a adversidade, com as palavras duras que você sempre trouxe para a gente, mas aquela dureza para você pensar o melhor e construir o melhor.

Então, o resultado disso tudo, se vocês querem alguma coisa mais palpável, é só pegar o metrô aqui e ir ali, ao Parque de Exposições. A pluralidade que está naquela feira, 10 anos de Feira Baiana de Agricultura Familiar, que nos orgulha muito, de Economia Solidária que está ali, é resultado (palmas), professor Naidison, das suas escritas. Eu não sei se o senhor escreveu já livros, mas as suas escritas feitas pelas mãos de todos nós resultaram nessa feira que lá está. Mais de 3 mil produtos. Produtos que

vêm do alto da caatinga, de Uauá, produtos que vêm do cerrado baiano, produtos que vêm dos quatro cantos da Bahia, mas sobretudo dos 278 municípios que compõem o aglomerado do Semiárido baiano.

Então, professor Naidison, eu estou personificando essa homenagem em você, mais do que merecida, porque eu não sei o nome de todos aqui, mas eu tenho a ti, assim como eu tenho à minha família, assim como eu tenho aos meus amigos, assim como eu tenho a Jesus Cristo, eu tenho o senhor como uma pessoa que mora dentro do meu coração. Então, gratidão, obrigado.

Trago aqui a mensagem, se assim foi intitulado, do nosso governador Rui Costa e do nosso secretário Josias. E eu trago aqui, mais do que tudo, a mensagem dos 800 e poucos servidores que a SDR tem e que entendem toda a adversidade que o semiárido baiano tem e toda a sua riqueza, que compreendem isso.

E as tuas palavras aqui, hoje... eu costumo falar isso algumas vezes... eu passei por essa emoção quando eu estava servindo no encontro da Igreja há pouco mais de 15 dias e me perguntaram assim: qual foi o dia mais importante da sua vida? Eu disse: aquele dia, porque ali vivenciei um momento único na minha vida.

E se me perguntarem hoje: qual o dia mais importante na sua vida? Eu vou falar aqui: foi hoje, foi agora, porque o que o senhor falou aqui, o que o senhor nos contou aqui, o que o senhor nos demonstrou em suas poucas palavras, porque tinha muito mais, é um momento único na nossa vida que a gente vai levar por toda nossa vida.

Obrigado, gratidão. Obrigado a todos vocês.

Obrigado a esta Casa por prestar uma justa homenagem a uma justa rede, justa, não, uma grandiosa, enorme.

E, aí, eu acho, padre... tem uma frase na Igreja Católica que a gente usa muito em todo final de missa. O nosso padre fala lá... eu acho que esta frase é a que se assemelha a essa turma que compõe a ASA. Tem uma frase assim: “Se a messe é grande, poucos são os operários”. E vocês são os operários dessa construção.

Obrigado, parabéns às nossas deputadas, aos deputados que estão aqui, a todos vocês que compreendem isso aqui.

E meu professor também está aqui. Tem outro professor aqui, no governo do estado, que eu chamo de secretário até hoje, que é meu amigo Cezinha.

Então, parabéns ao meu professor Naidison, parabéns a todos que compreendem aqui. Obrigado e obrigado por nos permitir coletivamente fazer uma Bahia melhor, permitir que a gente faça uma gestão compartilhada com vocês.

Obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): É claro que num dia como hoje palavras são pequenas, e há muitas pessoas aqui, inclusive a presença dos nossos pares deputados, mas o adiantado da hora não permite que a gente fazer cada fala que a gente tem interesse.

E, agora, a gente convida a Dr.^a Rose Pondé para uma homenagem ao coordenador executivo da ASA, Naidison. (Palmas)

(A Sr.^a Dr.^a Rose Pondé entrega a homenagem ao Sr. Naidison.)

O Sr. Naidison: A gestão, a coordenação da ASA é compartilhada, não é só Naidison, tem ali Climério, tem Márcia ali também. Mas eu quero chamar o meu companheiro de partilha a cada instante, Cícero, para vir aqui, Cícero, do IRPAA, (palmas) que é também da coordenação, para partilhar desse momento. (Palmas)

(Procede-se à entrega das flores.) (Palmas)

A Sr.^a ROSE PONDÉ: Boa tarde a todas as senhoras e os senhores aqui presentes, boa tarde queridos e queridas integrantes da ASA.

Serão rápidas palavras, apenas para expressar o meu sentimento, a minha admiração e o meu respeito por essa caminhada belíssima que existe entre governo e sociedade, nessa parceria tão profícua.

As minhas palavras são absolutamente parcas para expressar o sentimento que eu tenho por vocês. Então, nós expressamos através dos lírios. E pedimos a permissão ao grande Mestre para, em uma citação do Sermão da Montanha, fazê-lo, em metáfora, ao professor Naidison e a todos os integrantes da ASA: “Olhai os lírios do campo, eles não tecem. Mas nem Salomão, nem toda a sua glória, jamais se vestiu como eles.”

É assim o nosso olhar para a ASA. Vida longa à ASA, vida longa à agricultura familiar, e Semiárido muito forte, com a ASA participante.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): A Assembleia Legislativa, e quero fazer isso em nome dos deputados Zé Raimundo, Marcelino, Jacó, Maria del Carmen, Fabíola, que estava aqui, Fátima Nunes e Olívia, em nome dos 63 parlamentares desta Casa, presta uma homenagem muito singela. Mas é para expressar a gratidão, o respeito e a nossa alegria, Naidison. Então, essa plaquinha é uma homenagem à ASA, essa gigante. (Palmas)

(Procede-se à entrega da placa.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Convidamos todos os presentes para ouvir a execução do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Nós queremos convidar a todos que estão aqui para irem para o saguão. Nós vamos comemorar com um bolinho, cantar parabéns.

E, nesse momento, em nome da Assembleia Legislativa, agradecemos a presença das autoridades civis, militares, das Sr.^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, e, em nome de Deus que nos guia, declaro encerrada a presente sessão.

Muito obrigada! (Palmas) E nos veremos na grandiosa Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária que acontece até domingo. Muito obrigada.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.